
A VOZ DA ANGOLANA ANA OLÍMPIA EM NAÇÃO CRIOULA¹
The voice of the Angolan Ana Olímpia in *Nação Crioula*

Daniela de Oliveira Lima²

RESUMO: Um dos nomes mais recentes das literaturas africanas de língua portuguesa, o angolano José Eduardo Agualusa, escreveu em 1997 o romance *Nação Crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes. Neste encontramos forte relação com o romance *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, na qual a personagem Fradique Mendes é retomada. No texto de Agualusa deparamo-nos com uma figura feminina de grande força, Ana Olímpia, a bela angolana pela qual Fradique se apaixona e que desenvolverá um papel importante, principalmente por ser através dela que o protagonista se envolverá com as questões da escravidão no século XIX. A proposta deste artigo é mostrar a trajetória de Ana Olímpia e como sua voz torna-se presente na última carta do romance e também por revelar através de seu olhar a maneira como conheceu o português Carlos Fradique Mendes.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Olímpia; Nação Crioula; José Eduardo Agualusa.

ABSTRACT: One of the most recent names of the African Literatures in Portuguese Language, the Angolan José Eduardo Agualusa, wrote in 1997 the novel *Nação Crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes. In this novel we find strong relations with *A Correspondência de Fradique Mendes*, by Eça de Queiroz, in which the character Fradique Mendes is resumed. In the work of Agualusa we are faced with a female figure of great strength, Ana Olímpia, the beautiful Angolan by which Fradique fall in love and will develop an important role, mainly because through her the protagonist will be involved with the slavery issues in the Nineteenth century. The proposal of this work is show the trajectory of Ana Olímpia and how her voice becomes present in the last letter of the novel and also to reveal through her view the way she meets the Portuguese Carlos Fradique Mendes.

KEY WORDS: Ana Olímpia; Nação Crioula; José Eduardo Agualusa.

O romance *Nação Crioula* (1997), escrito pelo angolano José Eduardo Agualusa, retoma em seu enredo uma personagem que teve participação no contexto português do século XIX, Carlos Fradique Mendes.

¹ Este texto é resultante de revisões e acréscimos sobre alguns assuntos desenvolvidos em dissertação de minha autoria intitulada “A proximidade discursiva nas cartas dos romances *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz e *Nação Crioula*: a correspondência secreta de Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa”, defendida em jan. de 2015 na UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis/SP.

² Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista, campus Assis.

Criado por Eça de Queiroz, Jaime Batalha Reis e Antero de Quental em 1869, ainda no tempo do Cenáculo, inicialmente era um poeta com características românticas. Depois, em 1970, Fradique reaparece em uma participação em *O mistério da estrada de Sintra*, livro composto por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Porém ficou durante alguns anos no esquecimento, apenas em 1900 que será protagonista do romance *A Correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz, no qual o escritor português escolhe mais uma vez trabalhar com a criação coletiva. Dessa vez decide dar ares de realidade para Fradique fazendo-o surgir ao recolher suas correspondências. Em uma carta para seu amigo Oliveira Martins, Eça explica-lhe:

O que eu pensei foi o seguinte: uma série de cartas sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até ao preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes!* Não te lembras dele? Pergunta ao Antero. Ele conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, diletante e voluptuoso, este *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a ideia de recolher a sua correspondência – como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais – e publico-a ou desejo publicá-la na *Província* (QUEIROZ, 1979, p. 549).

Desse modo passamos a conhecer, em *A Correspondência de Fradique Mendes*, a vida dessa personagem. Eça de Queiroz divide o livro em duas partes: na primeira conhecemos a personagem a partir de um narrador anônimo que nos informa aspectos da vida de Fradique, na segunda, após a morte do protagonista, temos a recolha de algumas cartas nas quais existe maior proximidade com os pensamentos de Fradique e a maneira como ele expressava suas ideias e opiniões. A proposta de Agualusa é fazer mais uma vez esse viajante português envolver-se em novas aventuras. O próprio autor em entrevista explica essa escolha:

Eu precisava, para escrever “Nação Crioula” de alguém como Fradique! Que fosse, e ele é, um europeu — com toda a carga de preconceitos que tem — e, simultaneamente, um homem aberto ao outro. Ao diferente. A verdade é que, apesar de todos os seus defeitos, Fradique Mendes é isso! O Fradique é muito mais aberto do que o Eça de Queirós! É um tipo que se

interessa por viajar, por outros horizontes — é um homem muito adiantado para o seu tempo... (LEME, 2009, s/p).

Assim como o romance de Eça de Queiroz trazia as correspondências de Fradique, o escritor angolano utiliza-se da mesma proposta ao inserir as missivas da personagem. Como aparece no subtítulo do romance, serão reveladas “as correspondências secretas de Fradique Mendes”. É claro que, se voltarmos ao texto queirosiano, notamos que ali há uma lacuna que, possivelmente, pode ter acarretado tal escolha, uma vez que, de início, o narrador já menciona que sua intimidade com Fradique começou quando ele regressara de uma viagem à África austral. Depois, no desenrolar da narrativa, conta que Fradique em uma de suas viagens à África, mais especificamente na região do Zambeze (um rio da África Austral ou Meridional), diz ter apreciado muito as tradições, assim o narrador sugere que escreva um livro e conte essa experiência, mas ele é contra:

— Fradique! Por que não escreve você sobre essa sua viagem à África?

Era a vez primeira que eu sugeria ao meu amigo a idéia de compor um livro. Ele ergueu a face para mim com tanto espanto como se eu lhe propusesse marchar descalço através da noite tormentosa até os bosques de Marly. Depois, atirando a cigarette para o lume, murmurou com lentidão e melancolia:

— Para quê?... Não vi nada na África que os outros não tivessem já visto.

E, como eu lhe observasse que vira talvez de um modo diferente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela filosofia, e saturado de erudição, faz a travessia da África; e que em ciência uma só verdade necessita mil experimentadores, Fradique quase se impacientou:

— Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma neste mundo, conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens. E então pior! Porque o verbo humano, tal como o falamos, é ainda impotente para encarnar a menor impressão intelectual ou reproduzir a simples forma de um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever! (QUEIROZ, 2008, p.113-4).

Diante dessa passagem percebemos que Fradique, além de se opor à escrita sobre sua viagem, deixa claro, no seu jogo narrativo, não saber escrever, o que de fato o narrador desmente ao publicar suas

correspondências. Essa mesma recusa para escrever reaparecerá no romance angolano em carta para Eça de Queiroz, enviada de Paris, em novembro de 1887, na qual Fradique responde a um questionamento de Eça sobre se as personagens mencionadas nas cartas fazem parte de sua imaginação porque parecem criações literárias e, que, nesse caso estaria “fazendo literatura”. Porém o protagonista reforça que: “Eu pouco li ainda, e ao contrário do que V. pretende, não vivi sequer o suficiente para escrever um soneto, quanto mais um romance, ou, pior ainda, ‘minhas memórias’” (AGUALUSA, 1998, p.121). Estabelecida essa proximidade passemos a discorrer sobre *Nação Crioula* e seu desenrolar.

O romance *Nação Crioula* (1997), de José Eduardo Agualusa, marca a trajetória de uma literatura que se fortalece cada vez mais. Em Angola, assim como nos demais países africanos de língua portuguesa, a independência de Portugal só ocorreu a partir de 1975, antes as manifestações literárias eram expressas principalmente em jornais, que foram importantes na etapa inicial. José Eduardo Agualusa produz seus textos no período pós-colonial, dentre suas obras podemos citar *A Conjura* (1989), *Nação Crioula* (1997), *O Vendedor de Passados* (2004), *Teoria geral do esquecimento* (2012) e suas mais recentes produções *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2014) e *O livro dos camaleões* (2015). Escritor sempre engajado procura retratar em seus textos a história de seu povo.

Nação Crioula é escrito no século XX com enredo inserido no século XIX, período no qual a personagem queirosiana habitava e que teria feito sua viagem à África. O romance é epistolar e mantém a mesma estrutura desenvolvida por Eça de Queiroz. Fradique corresponde-se com três destinatários, sua madrinha francesa, Madame de Jouarre, retomada do livro queirosiano, Ana Olímpia e Eça de Queiroz, transformado em personagem por Agualusa. Ao todo são vinte e seis cartas, das quais vinte e cinco são escritas por Fradique e a última por Ana Olímpia, uma vez que o protagonista já tinha morrido.

Fradique Mendes chega a Luanda acompanhado de seu fiel amigo Smith, que também aparece no texto queirosiano. Como bom viajante e conhecedor de distintas culturas, seu olhar carrega traços preconceituosos, como somos de início informados na primeira correspondência, “Carta a Madame de Jouarre Luanda, maio de 1868”: “Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo” (AGUALUSA, 1998, p. 11). Essa é a impressão ao chegar a uma das colônias de Portugal, o português que cresceu rodeado de dinheiro e possibilidades de usufruir de ambientes culturais sofisticados, uma vez que, passou um bom tempo na França, sente o

impacto ao deparar-se com esse outro lado. Cabe lembrar que, embora Portugal mantivesse um nível razoável, o país sempre dependeu de suas colônias para sobreviver. Diferente dos outros países da Europa seu desenvolvimento industrial teve um processo mais demorado. Essa situação colocou Portugal como periferia em relação à Europa, de acordo com Boaventura Sousa Santos:

[...] o único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio, observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem. Por outro lado, enquanto os puritanos foram colonizadores na América do Norte, os Portugueses, além de colonizadores, foram emigrantes nas suas próprias colônias. [...] Portugal estava demasiado próximo das suas colônias para ser plenamente europeu e, perante estas, estava demasiado longe da Europa para poder ser um colonizador conseqüente. Enquanto cultura européia, a cultura portuguesa foi uma periferia que, como tal, assumiu mal o papel de centro nas periferias não-europeias da Europa (SANTOS, 1994, p. 48).

Portugal sentia-se o centro se olhasse apenas para a posição de suas colônias, porém, comparado com outros países, a situação era diferente. Fradique, que estava sempre transitando entre os países europeus, é, em *Nação Crioula*, mergulhado nessa “nova” cultura e passa então a envolver-se com sua gente, seus costumes, suas histórias, sua culinária e principalmente com a escravidão do século XIX, e como esta mantinha o país. O viajante conhece a angolana Ana Olímpia e apaixonou-se por ela. Esta personagem será de grande importância na configuração do romance, uma vez que, é a única voz feminina detentora do poder de mostrar sua visão acerca da história de Fradique e principalmente de sua própria história, além do fato de ser sua correspondência à última do romance.

AS CARTAS

A epistolografia é parte fundamental na estruturação do romance de Agualusa, Eça de Queiroz ao dar voz à personagem Fradique Mendes recorre aos recursos da carta, desse modo o escritor angolano também se utiliza desse meio para retomar o protagonista. No século XIX, período abarcado por ambos os romances, devemos lembrar que os recursos

tecnológicos eram ainda escassos, o comunicar-se com o outro que se encontrava distante necessitava do tradicional papel e caneta (pena) para encurtar as distâncias.

Uma das vantagens de Fradique Mendes dialogar com os outros através de cartas é que ele mantém sua voz ali presente, ele é detentor de suas opiniões, não precisa de um narrador para falar por si. Tanto no romance de Agualusa quanto do escritor português não há troca de correspondências, são apenas as enviadas pela personagem, as possíveis respostas podemos apenas imaginar. O romance em forma de cartas terá sempre um receptor em mira, como menciona Beth Brait:

No romance epistolar, assim como nas memórias, o aparente monólogo narrativo tem, diferentemente do diário, um receptor em mira, ainda que esse destinatário não esteja implicando nos acontecimentos. Por meio desse recurso, a caracterização da personagem num tempo passado que é recuperado pela narrativa como uma maneira sutil, um pretexto para mostrar o presente e as nuances da interioridade (BRAIT, 2006, p. 62).

Nesse tipo de construção romanesca os leitores vão ao mesmo tempo interagindo com a história que se pretende contar. José Eduardo Agualusa, em entrevista, diz ter sido um desafio muito grande, primeiro recuperar uma personagem bem peculiar da escrita de Eça de Queiroz e ainda manter seu romance em forma de carta ao inseri-lo no contexto do século XIX. Assim se expressa:

Primeiro, era um desafio grande, achava à partida muito difícil. Depois, a lógica interna de um romance assim construído faz com que o leitor, à medida que vai lendo, sabe tanto como o narrador. Pareceu-me muito interessante essa maneira de jogar com o tempo, com os lugares... (LEME, 2009, s/p).

As cartas de Fradique aos seus interlocutores deixam o leitor no mesmo ritmo do romance conforme as descrições do narrador. A personagem caracterizada por suas viagens precisa contar o que via e ouvia em meio a diferentes culturas, e nada melhor que as correspondências para encurtar a ausência. Ao mesmo tempo em que escreve mantém-se presente e quem lê sente o remetente um pouco mais próximo:

[...] A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das

suas aventuras ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 2000, p. 149-50).

Conforme acrescenta-nos Foucault, essa proximidade torna-se presente através das cartas, desse modo, percebemos que o protagonista de *Nação Crioula* mantém o vínculo com seus destinatários estando em África, Portugal ou Brasil.

A TRAJETÓRIA DE ANA OLÍMPIA

Uma das remetentes de Fradique Mendes, Ana Olímpia, a bela angolana pela qual se apaixona, torna-se uma figura importante dentro da construção narrativa proposta por José Eduardo Agualusa. No início o leitor conhece sua história pelo ponto de vista do protagonista que, em cartas para sua madrinha Madame de Jouarre, conta sobre a vida dessa forte mulher.

Ana Olímpia era filha de uma escrava e de um príncipe congolês, porém este passou anos preso ao cair em uma cilada armada pelas tropas portuguesas e nunca mais saiu da Fortaleza do Penedo onde morreu. Suas três esposas foram vendidas como escravas, a mãe de Ana Olímpia, que estava grávida, foi comprada por Victorino Vaz de Caminha. Depois de catorze anos, já após a morte do príncipe, Victorino casou-se com Ana Olímpia. Ela tornou-se uma mulher culta, capaz de conversar e se interessar por diversos assuntos, principalmente porque seu marido preocupou-se em lhe proporcionar a melhor educação, contratando inclusive professores de outros países.

Fradique Mendes, como sabemos, não fica em Luanda o tempo todo, uma vez que continua mantendo suas viagens. Em certa ocasião, já apaixonado por Ana Olímpia, retorna a Angola e a encontra viúva, assim narra na “Carta a Madame de Jouarre Luanda, agosto de 1872”: “Também por aqui reencontrei uma outra filha da terra, deslumbrante, a senhora Ana Olímpia, que há quatro anos atrás muito me impressionou. O marido morreu há poucos meses no naufrágio de um palhaborde” (AGUALUSA, 1998, p. 37). Fradique não se detém muito tempo e segue com suas viagens. Porém, passados alguns anos, como informa na “Carta a Ana Olímpia Lisboa, julho de 1876”, marcada por mais uma distância temporal, o protagonista conta ter conhecimento da triste situação que a angolana encontra-se nas mãos do irmão de Victorino, que a faz sua escrava. Diante disso, ele não mede esforços para ajudá-la: “Embarco dentro de duas semanas para Luanda, e vou preparado para tudo. Não preciso de te pedir coragem porque sei que a tens

de sobra” (AGUALUSA, 1998, p. 49). Assim, começa a luta para ajudar Ana Olímpia até a fuga no navio Nação Crioula, com destino ao Brasil.

O marido de Ana Olímpia nunca se preocupou em lhe passar uma carta de alforria. Após sua morte, seu irmão Jesuíno, que morava no Brasil, parte para Luanda a fim de tomar posse dos bens do irmão, inclusive fazendo Ana Olímpia escrava. Como esta o havia enfrentado ele optou por vendê-la para Gabriela Santamarinha, como espécie de provocação, uma vez que elas não se gostavam. Em mãos desse ser doentio, a angolana foi torturada até fugir com a ajuda de Arcénio filho e de Fradique.

A única opção de fuga era em um carregamento de escravos para Pernambuco. Fradique de início recusou embarcar em um navio negreiro, mas diante da situação não tiveram outra alternativa. Chamava Nação Crioula e foi dentro dele que iniciou a travessia de Ana Olímpia em busca de liberdade. Ao chegarem ao Brasil, Fradique comprou uma fazenda com todos os escravos e concedeu-lhes carta de alforria, mas alguns escolheram continuar ao seu serviço. Nesse novo lugar, Ana Olímpia passa a refazer sua vida, enquanto Fradique segue com suas viagens. Desse envolvimento nasce a filha mestiça, Sophia. Porém após a morte do protagonista, a angolana resolve vender a fazenda que o português havia comprado e retorna a seu país, cumprindo sua trajetória África/Brasil/África, uma circularidade de volta às origens.

A VOZ QUE SE SOBRESSAI

Após a morte da personagem Fradique Mendes, inclusive com inserção do trecho de *A Correspondência de Fradique Mendes*, encontramos uma longa e última carta na qual Ana Olímpia ganha voz e autonomia para contar, a partir de sua percepção, todo o envolvimento que teve com o viajante português. A correspondência é enviada ao escritor Eça de Queiroz, “Carta da senhora Ana Olímpia, comerciante em Angola, ao escritor português Eça de Queiroz, Luanda, agosto de 1900”. Nela, a angolana dirige-se a Eça autorizando a publicação das cartas de Fradique:

Exmo Senhor,

Receio que já não se recorde de mim. Em 1888 recebi uma carta sua informando-me que tencionava publicar em livro a correspondência de Carlos Fradique Mendes, e perguntando-me se eu o podia ajudar nessa tarefa. Era, dizia V., “*uma forma de homenagear o português mais interessante do século XIX*”, e era também um acto de patriotismo, “*pois nos tempos incertos e amargos que vão, Portugueses destes não podem*

ficar para sempre esquecidos, longe, sob a nudez de um mármore". Respondi-lhe que acreditava ser desejo de Carlos manter-se morto depois de morto, longe, sob a nudez de um mármore. Poucos meses depois, ao folhear a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, soube que V. tinha decidido ignorar a minha opinião (AGUALUSA, 1998, p. 137).

Ana Olímpia, diante da proposta de Eça de Queiroz, conta ter se revoltado com a ideia, não acreditava ser justo expor assim a vida de Fradique Mendes. Porém, com o passar dos anos, refletiu e percebeu que: [...] “Fradique não nos pertence, a nós que o amámos, da mesma forma que o céu não pertence às aves. As suas cartas podem ser lidas como os capítulos de um inesgotável romance, e, nessa perspectiva, são pertença da humanidade” (AGUALUSA, 1998, p. 138). Desse modo, resolve recolher as correspondências que Fradique lhe enviara ao longo de vinte anos, mais especificamente entre 1868 — 1888, e ainda acrescenta as que Madame de Jouarre lhe ofereceu.

Cabe lembrar, antes de prosseguir com a carta de Ana Olímpia, que a angolana torna-se uma figura de grande relevo na luta contra a escravidão. Em uma carta de Fradique para o escritor Eça de Queiroz, remetida de Paris, em novembro de 1887, conta sobre a ida de sua amada para Paris, na ocasião ela falou sobre sua luta contra a escravidão:

[...] Veja o caso da senhora Ana Olímpia, minha amiga, que sendo princesa por direito, foi escrava, e depois escravocrata, e é hoje uma das vozes mais autorizadas no combate à escravidão. Ela está de visita a Paris. Há uma semana atrás juntaram-se na Sociedade de Geografia dezenas de pessoas para a ouvir falar. Ana Olímpia contou o drama da sua infância, recordou o pai, um rei congolês que durante anos agonizou numa prisão de Luanda; evocou as madrugadas sombrias, quando, na companhia da mãe, assistia ao embarque dos cativos para o Brasil (AGUALUSA, 1998, p. 122).

É a voz dessa forte mulher que possui a coragem para discursar sobre a questão da escravatura, de maneira a mostrar o quão negativo pode ser essa situação na vida de uma pessoa. E ela possui autoridade para falar, pois sentiu na pele, essa luta, quando criança e depois quando foi vendida aos serviços de Gabriela Santamarinha. Diante da importância da personagem na composição da narrativa, ela ganhou voz na última carta para mostrar seu olhar, tanto sobre a vida de Fradique quanto da sua própria história. Além, é

claro, de se posicionar como uma voz feminina repleta de forças, capaz de atravessar o mar para encontrar novas perspectivas.

Depois da explicação de Ana Olímpia a Eça de Queiroz sobre os motivos que a incentivaram a enviar algumas correspondências de Fradique e concordar que a personagem merecia ter suas memórias recolhidas, uma vez que como ela afirma, ele não os pertencia, Ana começa a narrar como o conheceu. A partir desse momento suas informações são cruzadas com aquelas narradas por Fradique, porém sob seu olhar, ela é a dona das palavras e conta aquilo que de mais significativo lhe marcou. Ela lembra o momento que o viu: “Vi Carlos Fradique Mendes, pela primeira vez, numa tarde sombria de Maio, em 1868, no cais de Luanda. Eu completara há pouco dezoito anos e só conhecia o mundo pelos livros. Naturalmente, julgava que conhecia o mundo” (AGUALUSA, 1998, p. 138). Isso se passou enquanto ela esperava o marido que chegara no mesmo dia vindo de Lisboa, ainda para melhor visualização descreve como eram essas figuras que avistou:

[...] e de repente chamou-me a atenção a figura de um velho de cabeleira branca, rosto muito vermelho, enfiado num casaco de abas curtas, com umas calças de xadrez verde e preto e sapatos de verniz. Ao lado dele estava um homem alto, elegante, de bigode curvo, vestido inteiramente de linho branco (AGUALUSA, 1998, p. 138-9).

Esse foi o momento em que Ana Olímpia viu o português e seu criado escocês, Smith. Fradique já chama a atenção por ser uma pessoa elegante, bem vestida, que possivelmente não passaria despercebido. Porém, na narração de Fradique, este diz que conhece a angolana no Baile do Governador, dia que ela também se lembra, mas sendo este um segundo momento em que vê o viajante. Chama-lhe mais a atenção porque ele conversava com Gabriela Santamarinha:

Voltei a ver Fradique, um mês depois, no Baile do Governador. Ele conversava com Gabriela Santamarinha, comerciante nesta cidade, criatura abjecta, malévola, a tal ponto desfavorecida de corpo e de alma que o povo acredita ter sido ela gerada por uma sentina. [...] Vi Fradique tão assustado que tive pena dele. Sorri-lhe e ele sorriu para mim (AGUALUSA, 1998, p. 139).

Para o protagonista estar diante de Gabriela foi algo desagradável que Ana Olímpia foi capaz de notar à distância e se sensibilizar com a situação, e a partir do momento que Fradique a vê sua visão é aberta para outras percepções. Porém quem tomou a iniciativa foi a angolana, ao pedir

para Arcénio apresentar-lhe Fradique. Este senhor, como sabemos, é quem oferece alojamento para o português e de acordo com Ana Olímpia, ele não media palavras para elogiar seu hóspede: “Arcénio dizia a toda a gente que tinha em casa o último Português do Velho Portugal” (AGUALUSA, 1998, p.139). Além de informar que Fradique era íntimo de Victor Hugo e que também acompanhara Garibaldi na conquista das duas Sicílias, dentre outras aventuras decorrentes de suas constantes viagens, características do Fradique queirosiano.

A impressão positiva que Fradique causou na angolana não foi a mesma em relação a seu marido. Victorino certamente diante de todo o requinte do protagonista teve ciúmes, a narradora lembra como o jeito de Fradique o irritava:

[...] Irritava-o ainda mais aquilo que ele próprio definia como “a encadernação”: a casaca perfeitamente ajustada ao tronco, a camisa sem mácula, a pérola negra no esplendor do peitilho. Quase se ofendeu quando lhe propus que o convidasse para cear em nossa casa: “Aquilo não é um homem”, murmurou, “é uma invenção literária”. Suspeito que sentia ciúmes. (AGUALUSA, 1998, p. 140).

De fato essa informação passada por Ana Olímpia está totalmente imbricada na composição do romance tanto no de Eça de Queiroz quanto no de José Eduardo Agualusa. Ao ser a personagem Fradique mencionada por Victorino, como “invenção literária” nos remete a composição de *A Correspondência de Fradique Mendes* ter, por algum tempo, feito a personagem permear no imaginário das pessoas como alguém que de fato existiu, mas que reforça a permanência da criação conjunta de Eça e seus companheiros. Uma figura que não é uma simples personagem, mas sim uma invenção capaz de sobreviver e ser retomada através da intertextualidade, na qual:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade* e a linguagem poética lê-se pelo menos como *dupla* (KRISTEVA, 1974, p. 64).

Assim, Agualusa insere Fradique no contexto de Angola ao mesmo tempo em que completa com passagens do texto de Eça de Queiroz.

Devemos lembrar que o fato de Ana Olímpia ser a narradora da última correspondência, além de dialogar com o discurso de Fradique, insere

momentos não apreendidos pela visão do protagonista. Por exemplo, o jantar na casa de Ana Olímpia não é mencionado pelo português, mas ela recorda que durante a ceia, na qual além de Fradique estavam Arcénio (pai e filho), falaram de diversos assuntos, como perfumes, escravos, a situação dos comerciantes em Angola e sobre a revolução anarquista. Porém, ela destaca que, Fradique não conseguia entender como Victorino ao mesmo tempo podia defender os ideais libertários e o tráfico negreiro. Ao passo que o marido de Ana Olímpia era como ela dizia “trocista” e começou a explicar suas ideias em relação a escravidão e a Deus, na intenção de escandalizar Fradique Mendes, porém não conseguiu, possivelmente um dos motivos a mais para não gostar do português “arrumadinho”. Duas semanas após esse jantar, Ana Olímpia narra que seu marido foi viajar e Fradique lhe escreveu perguntando se ela o podia receber, pois iria partir para São Salvador do Congo e queria conselhos. Ana o recebeu e no momento em que se encontravam na biblioteca e ela lhe mostrava sua coleção de mapas, Fradique beijou sua amada:

Fradique olhou-me intensamente: “V. é a prova de que Deus existe”, disse: “e de que é completamente louco”. Inclinou-se para mim e beijou-me e eu beijei-o a ele. Mais tarde voltámos a ver os mapas, e depois jogamos xadrez. Perguntei-lhe o que é que ele tinha querido dizer quando falara na loucura de Deus. Fradique riu-se: “Só um Deus completamente louco seria capaz de conceder um anjo e depois de o lançar no inferno” (AGUALUSA, 1998, p.143).

Certamente para a angolana esse foi um dos momentos que mais lhe marcaram, ao passo que ela faz questão de mencioná-lo. Já o parágrafo seguinte de sua narração será marcado pela passagem temporal, uma vez que, após a partida de Fradique para São Salvador do Congo, ela só volta a vê-lo em 1872, dois anos depois da morte de Victorino: “A morte de Victorino deixou-me prostrada durante semanas. Ao recuperar descobri que era uma das pessoas mais ricas deste país” (AGUALUSA, 1998, p. 143). Fradique quando retorna a Luanda, encontra-a vestida com seus panos negros de nga muturi (viúva), essa mulher forte passa a tomar conta da fortuna do marido, administrando seus negócios, porém ela, como narra para Eça de Queiroz: “[...] como V. pode imaginar, morta de medo, porque era ainda muito jovem e sem experiência” (AGUALUSA, 1998, p. 144). Muito jovem, porém manteve-se firme e tomou frente das negociações.

A vida de Ana Olímpia foi mais completa a partir do momento que começou a se envolver com o português, após a volta de Fradique de Benguela, ela assim narra:

[...] Nos cinco meses que se seguiram fui feliz, e julgo que Fradique também. Esses dias, percebo-o hoje, partiram a minha vida ao meio. Quando penso no passado, existe o antes e o depois, e antes eu era uma criança, e não sabia o que era a felicidade, e depois perdi a inocência e já não sei ser feliz outra vez (AGUALUSA, 1998, p. 146).

A trajetória da angolana não foi nada fácil, primeiro escrava, depois senhora de escravos e sua luta mais difícil ao ser submetida à condição de escrava de uma mulher que a odiava, por isso os momentos ao lado de Fradique serem bons. No entanto, cabe lembrar o seu respeito por Victorino, principalmente por ter sido ele quem salvou ela e sua mãe quando um grupo de degredados lhes cercaram, enquanto dois homens a seguravam, os outros despiram sua mãe e começaram a lhe bater deixando-a quase morta. Elas foram retiradas da rua porque chamaram Victorino, que junto com seus homens foram atrás dos degredados. Ana Olímpia, ao imaginar que Eça gostaria de saber o motivo dela ter se casado com esse homem, simplesmente menciona: “Há de querer saber porque me casei com Victorino. A resposta é simples: porque me sentia amada (e protegida)” (AGUALUSA, 1998, p.149). Até conhecer Fradique Mendes, Victorino era quem proporcionava paz e tranquilidade para alguém que desde menina precisou enfrentar a crueldade humana, além de tratá-la como uma princesa, a qual não negava esforços para lhe proporcionar o melhor estudo.

A situação vivida por Ana Olímpia quando se tornou escrava de Gabriela Santamarinha foi cruel, quando somos informados pelas cartas de Fradique Mendes imaginamos o sofrimento dela ao ser, de repente, submetida às garras de alguém sem escrúpulos que se divertia ao bater em suas escravas. Porém, quando a voz da angolana pode discorrer sobre seu sofrimento, entendemos o choque que tudo lhe causou, tanto que caracterizou de paraíso o tempo que viveu ao lado de Fradique e de inferno os dias de escrava em casa de Gabriela.

Antes de passar a condição de escrava, Ana Olímpia narra que Fradique chegou a lhe perguntar por que não libertava seus escravos, ela respondeu que eles haviam sido criados com ela e se sentia ligada a eles como se fossem de sua família. Mas a impressão é que Fradique não se convenceu com a explicação:

Fradique, aborrecido, perguntou-me o que eu sentia, tendo sido escrava, e sendo filha de escrava. O que é que eu lhe podia dizer? Se fosse hoje, ter-lhe-ia respondido com um provérbio da Serra Leoa, país que visitei recentemente: stone we dei

botam watts, no say wen rain de can, ou seja, uma pedra debaixo da água não sabe que está a chover (AGUALUSA, 1998, p. 152).

De fato, apesar de Ana Olímpia não ter nascido livre, ela não possuía a ideia do que era ser escravo. Ao passo que explica que, na maioria das vezes, o escravo da cidade ignora essa sua situação: “Eu só soube o que era ser livre, quando, depois de ter sido senhora de escravos, regresssei (da forma mais brutal) àquela condição” (AGUALUSA, 1998, p. 152). Condição essa que ela ainda sente: “É um assunto sobre o qual ainda hoje me é penoso falar. Aconteceu tudo como um pesadelo” (idem, p. 152), mas resolve narrar sob seu olhar tudo que sentiu. Como somos informados por Fradique, após a morte de Victorino, seu irmão Jesuíno, já falido, saiu do Brasil e foi para Luanda, Ana Olímpia por respeito ao falecido esposo recebeu o irmão foragido que, passado algum tempo, começou a criar intrigas contra a cunhada, e em pouco tempo tomou posse de tudo que era de Victorino:

Três semanas depois eu era sua escrava. Não quero aborrecê-lo com explicações sobre os artifícios legais que permitiram a execução deste crime (é suficiente V. saber que, por desleixo, e por ter morrido de forma imprevista, Victorino nunca me passou carta de alforria, nem deixou testamento). Assim, achei-me de repente desapossada de tudo o que era meu, e de mim própria (AGUALUSA, 1998, p. 143).

O drama de Ana Olímpia começa quando Gabriela, com sua corte de criadas brancas e albinas, busca a angolana e a leva para o que denomina de inferno. Esta senhora tinha o hábito de bater em seus escravos, tanto que Ana comenta que Júlia, que era natural do Rio de Janeiro, sente-se feliz ao dizer que Gabriela ia lhe açoitar: “[...] Mostrou-me as costas cortadas a golpes de cavalo-marinho. “Ela vai te açoitar”, disse. A certeza de que eu seria submetida a idêntica tortura parecia deixá-la feliz” (AGUALUSA, 1998, p.156). De fato, o estado de Ana Olímpia deixava Gabriela radiante, uma vez que sabemos que as duas não se entendiam, eis que propõem, como narra a angolana, dar uma festa e que ela deveria ajudar com os preparativos na cozinha, porém Ana já imaginava que seria com o propósito de humilhá-la na frente das pessoas que frequentaram sua casa. Diante da recusa, temos a reação: [...] “Momentos depois Gabriela surgiu, enfurecida, na companhia de dois criados, e eu fui arrastada para o pátio, despida, amarrada a um ferro na parede e açoitada” (idem, p. 157). Depois da surra, Ana Olímpia conta ter ficado semanas doente, até ser resgatada e fugir com Fradique e Arcênio.

O fato de ser submetida à condição de escrava fez com que Ana Olímpia refletisse sobre o que é ser escravo e o que sentem ao serem enviados em navios negreiros. A travessia pelo mar torna-se para alguns a passagem através da morte, ela lembra que o mar em sua língua, e em outras tem o mesmo nome que a morte, Calunga, por isso o deslocar-se, sair de África era deixar a vida, e o que encontravam no Brasil ou América era um renascimento. Para ela foi uma segunda oportunidade, “reencarnei pouco a pouco numa outra mulher” (idem, p.157). É no Brasil que ela também terá o fruto da sua relação com Fradique Mendes, a filha Sophia, uma mulata que é junção de Portugal, Angola e Brasil. Porém, após a morte de Fradique, Ana Olímpia narra que por mais que tivesse uma vida em que já se sentia brasileira, sente um vazio de ter deixado sua terra, toda vez que escutava alguém cantar sentindo saudades do Brasil, os versos de Ant3nio Gonçalves Dias:

“Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá / as aves que aqui gorjeiam / não gorjeiam como l” —, sempre que isso acontecia era em Angola que eu pensava: “Minha terra tem primores / que tais não encontro eu c / Não permita Deus que eu morra / sem que eu volte para lá” (AGUALUSA, 1998, p.158).

Diante dessa nostalgia, vende a Engenho Cajafba, que Fradique lhe deixara em testamento, e parte para Luanda. É claro que, passados anos, Angola não era mais a mesma, Ana Olímpia narra que com a extinção total da condição servil nas colônias portuguesas e com a proclamação da Lei urea, no Brasil, muitas famílias foram prejudicadas. Muitos já nem se lembravam dela, quem a esperou no cais foi Arcnio filho, com quem casou e se diz feliz ou pelo menos “tanto quanto  comum ser-se feliz” (p.159). E para finalizar a carta para o escritor Eça de Queirós narra que:

[...] Estou na vida como numa varanda. Vejo na rua passarem as pessoas com as suas tragédias íntimas. Vejo-as nascer e morrer. Nestas terras ácidas a natureza conspira contra nos. Um homem morre, desaparece, e logo a sua obra inteira se corr e se corrompe e se desfaz. [...] A própria memória rapidamente se dissolve. Creio que aqui já ninguém se recorda de como morreu o velho Arcnio de Carpo, e muito menos se lembram de Fradique Mendes. A mim chamam-me a brasileira e os mais novos acreditam realmente que eu nasci no Brasil. Também por isso lhe entrego estas cartas. Disponha delas como entender (AGUALUSA, 1998, p. 159).

O diálogo proposto pelo escritor José Eduardo Agualusa ao retomar uma personagem já conhecida dos leitores de *Eça de Queiroz*, além de homenageá-lo consegue inserir Fradique em um contexto diferente, nos quais diversos assuntos podem ser debatidos. O papel da angolana Ana Olímpia nos proporcionou nesse breve artigo, discorrer sobre sua importância na narrativa de Agualusa, uma forte representante feminina que contribui para o envolvimento do protagonista na luta abolicionista, a partir do momento em que se apaixona por ela e seus caminhos se aproximam, além do fato de gerarem o fruto dessa relação. Essa mulher ganha autonomia e voz ao finalizar o romance, além de constituir um olhar externo sobre o protagonista e por falar de sua própria história.

Em suma, na trajetória dessa personagem feminina, pode-se inferir que exista uma circularidade entre Luanda / Brasil/ Luanda, porque ela ao final mesmo sabendo que no Brasil teve a possibilidade de “renascer” sente, após a morte do português, que suas origens pulsam, optando por voltar. *Nação Crioula* encerra-se de maneira a dar voz não ao português e sim para a pessoa que sofreu as consequências da escravidão, e pôde ser porta voz de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula*: a correspondência de Fradique Mendes. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEME, Carlos Câmara. *O quintal da minha casa ocupou o mundo*. Coleção Mil Folhas 3, 2009. Disponível em: <http://static.publico.pt/docs/cm3/escritores/78-JoseEduardoAgualusa/quintal.htm>. Acesso em: 01 de dezembro de 2015.

QUEIROZ, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. 2. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

_____. *OBRAS de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.3.

SANTOS, Boaventura de Souza. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*: Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5 (1-2): 31-42, 1993, (editado em nov. 1994).

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016